

# ENTRE SONHO E REALIDADE

DIFICULDADES ENFRENTADAS

PELOS JOGADORES DE FUTEBOL

SE CONSOLIDAR NA CARREIRA PROFISSIONAL.

Por: Lara Lima, Carol Silva e João Gabriel Barreto.



## ESPORTE

Em um país onde 17,1 milhões de pessoas vivem em favelas, de acordo com dados do IBGE de 2020, a realidade social exige uma reflexão profunda sobre as condições de vida dessas comunidades. Atletas como Endrick e Lúcio, conhecidos internacionalmente no cenário do futebol e oriundos dessas comunidades, se destacam entre as histórias de superação e talento. Contudo, os números do futebol de base no Brasil apontam para uma realidade marcada por obstáculos e poucos triunfos.

O sonho de se tornar jogador de futebol é comum nas periferias, mas esbarra nas dificuldades impostas pela realidade. De acordo com o FutDados, portal voltado a analisar estatísticas do esporte, em 2024, apenas 1% daqueles que tentam se profissionalizar no país conseguem alcançar o objetivo.

O goleiro Arthur Schwaab, de 18 anos, descreve a expectativa de um jovem que



Imagem: Arquivo pessoal.

deseja se destacar nessa carreira. “Desde criança, a pessoa tem aquele sonho. Quer começar no Flamengo, quer se destacar com 17 anos, aí depois quer ir pra Europa, seleção brasileira. [Ser] melhor do mundo e tal, mas a gente acaba vendo que o futebol não é isso, né? É muita concorrência. Pra você virar jogador profissional já é muito difícil, imagina pra chegar no mais alto nível”, diz ele. Nascido em Brasília, o jovem goleiro já passou pelas categorias de base do Goiás (GO) e do Fluminense (RJ), atualmente joga pelo Brasiense, time do Distrito Federal.



Imagem: Filipe Fonseca

**“Eu nunca tinha visto dinheiro assim. Tipo, peguei na mão. Falei, Pablo, o que a gente vai fazer? O Pablo gostava de açaí, e a gente foi comer açaí e ficou lá com o dinheiro no bolso.”**

GUI MENDES



Imagem: Arquivo pessoal.

surgiu alguma dificuldade, porque a cidade era a 30km, então a gente tinha que ir treinar todo dia na cidade”.

Gui Mendes, de 24 anos, colega de time de Schwaab no Brasiliense, também é um exemplo dos que entram no esporte com o objetivo de realizar o sonho de sua profissão. Natural de Agudos, pequena cidade de aproximadamente 37 mil habitantes no interior de São Paulo, Gui contou com o apoio da família para começar a carreira ainda na infância. “A minha família me ajudou muito, independente da situação financeira, com a passagem de ônibus, com lanche. Agudos é uma cidade muito pequena e tem pouca oportunidade para mim e para todos os jovens, e acho que minha família sempre me ajudou, e isso facilitou um pouco”, conta o atleta.

#### “FUNIL” DA PROFISSIONALIZAÇÃO

O fenômeno descrito pelos dois jogadores do time da capital federal é chamado de “funil”. Essa dinâmica em que poucas crianças e adolescentes passam das categorias de base para o profissional também se reflete em dados: dos 863 clubes no Brasil, apenas 14% competem em torneios nacionais das séries A a D, segundo dados de 2024 da Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol (Fenapaf). O restante se limita a torneios regionais e sem calendário completo, o que acaba prejudicando tanto o desenvolvimento dos jovens atletas quanto a estabilidade financeira dos clubes.

Os jovens atletas ainda têm grandes dificuldades, especialmente quando saem de suas cidades para buscar o sonho de ser jogador.



Imagem: Arquivo pessoal.

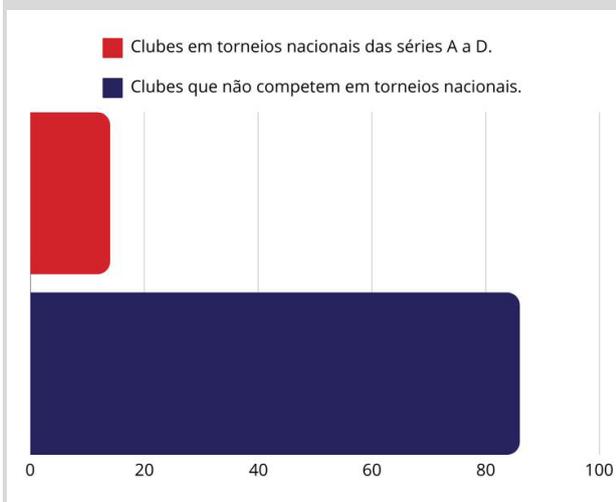
**“No meu primeiro ano no Sub-20, sofri uma lesão na posterior da coxa que me deixou afastado dos gramados por quase um ano. Passei grande parte desse período no departamento médico, enfrentando uma pausa longa e desafiadora na minha carreira”.**

SAMUEL FELIPE

#### LESÕES PELO CAMINHO

Além das dificuldades para começar a ganhar dinheiro com o esporte, outro obstáculo enfrentado por esses jogadores é a capacidade de tratamento de lesões. As contusões são uma das maiores ameaças à carreira no esporte. Um estudo conduzido pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em 2018, chegou à conclusão que 86,7% dos atletas sofrem lesões antes de chegar ao profissional, especialmente nos joelhos e tornozelos. Essas lesões não apenas limitam o desempenho, mas podem encerrar carreiras promissoras antes mesmo que elas deslanchem. Além da maioria dos clubes brasileiros não terem estrutura médica mais robusta, muitos dos jovens atletas não têm acesso a cuidados de saúde para o tratamento.

Samuel Felipe, jogador do Aparecidense (GO), de 20 anos, compartilha como as lesões marcaram sua trajetória no futebol: “No meu primeiro ano no Sub-20, sofri uma lesão na posterior da coxa que me deixou afastado dos gramados por quase um ano. Passei grande parte desse período no departamento médico, en-



Dados: Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol (Fenapaf).

frentando uma pausa longa e desafiadora na minha carreira”.

Gui destaca que a dificuldade em tratar lesões pode gerar complicações. Estar fora de campo durante a realização de campeonatos, que podem ser grandes vitrines para avançar na carreira, se soma a isso. Em 2018, o jogador sofreu com uma lesão nos dois joelhos que não passou por tratamentos mais invasivos, como cirurgia, e isso o impediu de jogar no Paulistão, como é chamado o Campeonato Paulista. “Queira ou não, todo mundo sonha em jogar um Paulistão. E foi na época que eu me machuquei. Então, eu perdi. É um estadual muito bem visto por todo o Brasil, acho que pelo mundo todo. É difícil, mas como é a coisa mais normal do atleta”, se conforma o jovem jogador.

## FUTEBOL E O SONHO DE “VENCER NA VIDA”

O futebol na periferia é muitas vezes idealizado como uma rota para a ascensão social, mas isso tende a obscurecer a realidade das condições de desigualdade que persistem nesses ambientes. A busca incessante pela competição e a mercantilização do esporte, características do modelo capitalista, acabam por reproduzir e até ampliar as desigualdades sociais existentes. Ao invés de funcionar como um meio de inclusão, o esporte, particularmente o futebol, pode reforçar a exclusão ao se alinhar com estruturas econômicas que privilegiam o sucesso individual e o lucro financeiro, em detrimento da promoção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Para assumir o papel que deveria ser exercido pelo Estado, Organizações não governamentais (ONGs) oferecem esporte em áreas vulneráveis. Mas a presença dessas iniciativas não garante o caminho sonhado para o sucesso. Para muitos jovens, a prática esportiva é vista como a única chance de “vencer na vida”, mas as promessas de ascensão social são limitadas e, muitas vezes, frustradas. Isso reforça a desigualdade, ao invés de realmente combatê-la.

Mesmo assim, Schwaab incentiva os jovens que querem jogar profissionalmente: “A primeira pessoa que tem que acreditar no seu sonho é você mesma. Porque se você não acredita no seu sonho, infelizmente ninguém vai acreditar. Não é o avaliador que vai acreditar, não é o técnico, não é o olheiro. Então acredita no seu sonho, trabalha firme, e um dia você vai realizar seu sonho”.